

## Panorama dos Estudos de Internet

O presente capítulo abordará os principais aspectos históricos a respeito dos estudos de internet e as abordagens mais discutidas na literatura sobre o assunto<sup>1</sup>. Essas definições iniciais são importantes para a compreensão da constituição da pesquisa sobre o tema, além de influenciarem na construção da amostra, na escolha dos métodos e das ferramentas, no desenho e planejamento da pesquisa, na coleta e análise dos dados, e até mesmo na condução das questões pertinentes à ética com os sujeitos envolvidos no processo. Esse capítulo tem como finalidade desenhar um pano de fundo e apresentar algumas perspectivas acerca das discussões sobre os estudos em internet, muito mais do que levantar posições autorais sobre o tema, dando subsídio teórico para que as escolhas metodológicas não sejam pensadas a partir de posições fortemente sedimentadas pelas autoras, mas sim observar como o desenvolvimento e a constituição desse campo refletem nas diferentes opções e abordagens sobre o objeto. Essa concepção tende a evitar que o livro ganhe um tom de “manual de metodologia”, o que não combinaria com o alcance e a flexibilidade do campo da pesquisa em internet e muito menos com a reflexão e a postura das autoras do livro. Nosso objetivo é apresentar os estudos de internet como um campo em constante mudança (Jones, 1999) surgido a partir de diversas disciplinas (Baym, 2005) a fim de que as discussões metodológicas desenvolvidas nos capítulos subsequentes sejam

<sup>1</sup> Agradecemos à colega Sandra Portella Montardo pela troca de ideias e debate que delineou os esboços iniciais do presente capítulo.

compreendidas dentro de um contexto sócio-histórico que dialoga com a tradição dos estudos de comunicação, cultura, mídia e tecnologia (Sterne, 1999).

Aqueles que recorrem à internet como um novo tópico de estudo podem achar fácil de esquecer que não fomos as primeiras pessoas a viver através dos tempos de mudanças tecnológicas, culturais ou disciplinares. Até mesmo aqueles mais atualizados precisam saber o que permanece contínuo através dessas mudanças e o que a história tem a nos ensinar (Markham e Baym, 2009, p. XIV)<sup>2</sup>.

A relação com as tradições de pesquisa empírica aparecem de forma didática nos capítulos relativos à Teoria Fundamentada e à Construção de Amostras. Assim, métodos distintos como a Análise de Hiperlinks, a Análise de Redes Sociais e a Etnografia, abordados em outros capítulos deste livro, são utilizados para o estudo de fenômenos comunicacionais e sociais distintos que acontecem nos objetos pertinentes à internet como sites de redes sociais, blogs, comunidades online, games, entre outros.

A contextualização histórica também nos permite refletir sobre as razões pelas quais diferentes pesquisadores com diferentes formações, investigam o multifacetado campo dos estudos de internet, como afirmam Markham e Baym (2009, p. XIII):

Pessoas de várias disciplinas são atraídas para o estudo da internet por muitas razões. Alguns querem utilizar as tecnologias para conduzir pesquisa tradicional dentro de suas bases

<sup>2</sup> "Those who turn to the internet as a new topic of study may find it easy to forget that we are not the first people to live through times of technological, cultural or disciplinary change. Even those on the cutting edge need to know what remains continuous across these changes and what history has to teach us."

disciplinares, outros querem se libertar dos grilhões das práticas disciplinares tradicionais. Alguns querem compreender algo sobre tecnologias particulares, mas possuem pouco treinamento em métodos para estudá-las. Outros sabem muito sobre os métodos da pesquisa sociais mas pouco a respeito do contexto tecnologicamente mediado que eles estão estudando<sup>3</sup>.

Para além da discussão sobre a internet como objeto e da utilização de aplicativos e ferramentas disponíveis nos próprios ambientes digitais para conduzir a investigação, é necessário considerar sua natureza constantemente mutável e efêmera, além de sua rápida e ampla adoção por pesquisadores nos mais diversos contextos de pesquisa, o que nos permite alinhar questionamentos acerca da justificativa dos estudos e sua relevância para a área e a confiabilidade e credibilidade dos dados assim obtidos.

Com vistas a uma compreensão mais ampla desses questionamentos, partiremos inicialmente de algumas definições sobre os estudos de internet, em especial o debate conceitual como disciplina ou campo e sua especificidade.

## 1. Definindo os estudos sobre internet — disciplina ou campo?

No artigo introdutório do dossiê sobre Pesquisa em Internet publicado pela revista *The Information Society* em 2005, "Internet Research as It Isn't, Is, Could and Should Be", Nancy Baym apresenta um panorama sobre as principais definições e indefinições a respeito

<sup>3</sup> "People from many disciplines are drawn to study the internet for many reasons. Some want to use the technologies to conduct traditional research within their disciplinary groundings, others to be freed from the shackles of traditional disciplinary practices. Some want to understand something about particular technologies, but have little training in the methods for studying them. Others know a lot about the methods of social research but little about the technologically mediated context they're studying."

dos estudos de internet, suas principais correntes e tendências. Lançado na primeira metade dos anos 00, década em que a internet encontra-se como mais um artefato midiático e comunicacional inserido no cotidiano de diferentes sociedades, o texto apresenta algumas discussões favoráveis e contrárias ao entendimento da pesquisa sobre internet como uma disciplina autônoma. Para Markham (2005), essa autonomia poderia trazer benefícios institucionais mas também poderia incorrer em uma espécie de limitação discursiva e epistemológica da qual padecem outras disciplinas. Baym (2005, p. 4) reconhece a internet enquanto um objeto que está cada dia sendo mais estudado por diversas áreas, o que mostra que “ela está se movendo para o palco central na maioria das disciplinas”<sup>4</sup>, o que não justificaria sua constituição enquanto disciplina, mas como campo, por dois motivos: a autoidentificação dos pesquisadores, que se intitulam pesquisadores em internet e utilizam em suas pesquisas o termo campo e a abrangência local permitida pelo objeto, uma vez que nações e continentes se engajam em práticas, usos e apropriações distintas, como demonstram as pesquisas conduzidas em locais como China, Índia, América Latina, Oceania, entre outros. Ela também cita as terminologias escolhidas por diversos autores para tentar definir a pesquisa em internet ao longo do dossiê como

uma não-disciplina (Markham), “indisciplina” (Shrum), “meta-disciplina” (Engelbrecht) ou “transdisciplina” (Hunsinger) – ou talvez um subcampo inserido em um campo maior que ainda precisa ser nomeado (Jones) (Baym, 2005, p. 232)<sup>5</sup>.

<sup>4</sup> “...recognize that the Internet will increasingly move to the main stage in most disciplines”.

<sup>5</sup> “an “undiscipline” (Markham), “indiscipline” (Shrum), “meta-discipline” (Engelbrecht), or “transdiscipline” (Hunsinger) – or perhaps a subfield of a larger field that has yet to be named (Jones).”

O questionamento sobre a disciplinariedade dos estudos de internet está longe de ser resolvido. Sterne (2005) e Engelbrecht (2005), por exemplo, ponderam que essa separação poderia afastar a pesquisa em internet de outras formas de tecnologias de comunicação e informação, fazendo uma restrição por demais arbitrária.

Tanto Baym (2005) quanto Silver (2004) ancoram sua perspectiva dos estudos de internet como um campo determinado, sobretudo, em relação à vinculação com instituições, organizações e periódicos científicos específicos. Baym (2005) e Markham (2005) indicam que a fundação da AoIR – *Association of Internet Researchers* – é vista por alguns pesquisadores como um dos elementos simbólicos demarcadores do mesmo. Por estar concentrado na visão anglo-saxônica, o artigo ignora as diferenças do campo em outros contextos, como o da América Latina, e do Oriente, por exemplo, embora ao final a autora recomende que as perspectivas culturais e locais devam ser observadas. No contexto brasileiro das ciências humanas e das ciências sociais aplicadas, os estudos de internet encontram-se muitas vezes associados aos estudos de cibercultura<sup>6</sup>, assim como aos estudos de interface humano computador (IHC), entre outras perspectivas e abordagens.

Concordamos com Silver (2004), Baym (2005), entre outros, de que a questão acerca de uma disciplinariedade dos estudos sobre internet é ainda pertinente e não está elucidada, no entanto, dentro do escopo desse capítulo, optamos por nos concentrar na noção dos estudos de internet enquanto um campo em desenvolvimento – com suas contradições e especificidades – no qual podemos ajudar a ampliar e desenvolver tanto a pesquisa como o debate sobre o mesmo.

<sup>6</sup> Fugiria ao escopo do texto debater as diferenças e semelhanças entre estudos de internet e estudos de cibercultura. Para tal empreitada, ver, entre outros, Silver (2004), Foot (2010) e Amaral & Montardo (2010).

Ao findar do artigo, a autora também destaca cinco considerações recomendáveis para a amplitude e definição do campo que nos ajudam na construção do desenho da pesquisa, tanto em termos teóricos, quanto metodológicos. Essas recomendações podem auxiliar nas etapas da pesquisa, da revisão de literatura à ida ao campo e devem ser observadas ao longo dos estudos, contribuindo para o desenvolvimento das discussões que têm sido apontadas no contexto da pesquisa em internet ao longo dos anos. São elas: 1) “Manter a pesquisa sobre internet contextualizada dentro das tradições de pesquisa de mídia e tecnologia que antecederam e transpasse a internet” (Baym, 2005, p. 232). É a noção de que para obtermos contribuições duradouras para a pesquisa, ela precisa estar embasada pelas pesquisas já estabelecidas anteriormente, e, como alerta Sterne (1999) investigar comparativamente o passado para não cairmos na armadilha fácil da “novidade”; 2) abordar o objeto internet responsabilmente, através de perguntas chave que deixam à mostra questões relativas ao poder e à condição humana; 3) “Empenhar-se em observar quadros maiores do que aqueles relevantes a nossas condições locais”, levando em consideração perspectivas culturais e subjetivas distintas das do mundo Ocidental; 4) “Manter o diálogo e a troca de ideias mutuas com outras disciplinas e tradições de pesquisa”, utilizando uma linguagem que possa ser compreendida através das disciplinas e para diferentes públicos estudados; 5) primar pela reflexividade e pelos conceitos, definições, rótulos e metáforas através dos quais organizamos e construímos nossas recomendações teóricas.

Segundo Costigan (1999, p. XIX), um dos principais desafios para o estudo da internet é o fato de que ela não pode ser capturada por um quadro individual, uma vez que

Cada retrato acrescenta um quadro e fronteiras que não existem, já que a internet não pode ser contida. Esses retratos também acrescentam enfoques e proeminências a itens individuais que não são universalmente dominantes. Os

retratos ficam estagnados, mas a internet está em constante estado de fluxo<sup>7</sup>.

Ainda sob a perspectiva dos fluxos e dos tipos de análise, o autor coloca que a ciência social produzida sobre a internet se divide basicamente em duas categorias, sendo a primeira relativa à habilidade de busca e recuperação de informações a partir de enormes bancos de dados; e a segunda, que diz respeito às capacidades de comunicação interativa presentes na internet. Segundo o autor (1999), se pensarmos em ambas as categorias, elas não apresentam grandes rupturas em relação às mídias anteriores. Sua complexidade reside nas diferentes apropriações e formatos e nas diferenças históricas com outros tipos de meios de informação e comunicação já estudados. Essa noção nos alerta para o aspecto comparativo entre a internet e outras mídias, além de relativizar argumentos panfletários tanto para uma “demonização” da internet como para uma “apologia”.

No próximo item apresentaremos uma breve contextualização histórica a respeito de como os estudos sobre internet têm se apresentado de maneira geral na literatura específica. Essa historicização conduz o tom e os temas das abordagens mais utilizadas incidindo diretamente nos tipos de estudo que vêm sendo desenvolvidos, além de nortear as opções por uma ferramenta X ou Y dentro da construção do desenho da pesquisa.

## 2. Das fases dos estudos sobre a internet — para além do hype

Em 1999, no artigo de abertura da coletânea *Doing Internet Research*, Steve Jones já alertava para importantes aspectos relativos a boa parte dos estudos sobre internet produzidos durante o

<sup>7</sup> “Any single picture adds a frame and boundaries that do not exist, but the internet cannot be contained. These pictures also add focus and prominence to individual items that are not universally prominent. The pictures are stagnant, but the internet is in a constant state of flux.”

período. Dentre eles, a questão da historicização e da previsão (no sentido de estudos que tentam prever comportamentos). O autor critica o que ele chama de pesquisa “profética”, que segundo ele é aquela baseada em noções do que pensamos que a internet será (ou deveria) se tornar, o que ela será (ou deveria) ser, em vez de ser baseada na determinação precisa do que ela é.

Para Jones (1999), a pesquisa “profética” está diretamente relacionada com a problemática do *hype*<sup>8</sup> da internet, debate que aparece com certa frequência na literatura específica ao longo das diferentes fases dos estudos:

O *hype* sobre a internet, seja ele acurado ou não, é provavelmente muito parecido com aquele que acompanhou a introdução das tecnologias midiáticas anteriores. É possível ir além e dizer que a tecnologia em si mesma (e nos usos aos quais ela é colocada) é menos previsível do que as esperanças e promessas que depositamos sobre elas (Jones, 1999, p. 02)<sup>9</sup>.

Mas, além da crítica a essa constante busca pelo novo, Jones (1999, p. 8-9) também indica que a novidade pode ser positiva, uma vez que muitos dos “elementos fascinantes” que servem de motivação para a pesquisa sobre a internet estão frequentemente conectados com a experiência do novo pelos próprios pesquisadores, que muitas vezes, se encontram descobrindo em determinados momentos, objetos como o e-mail, as listas de discussão, os MMORPGs etc. Para ele, apesar de positivo esse aspecto deve nos fazer refletir e ser mais cautelosos a fim de não sobre-

<sup>8</sup> Entendemos *hype* como moda, tendência ou novidade. Optamos por manter o termo sem traduzi-lo devido ao uso cotidiano do mesmo.

<sup>9</sup> “The *hype* about the internet, whether accurate or not, is tellingly like that which accompanied the introduction of earlier media technologies. It is possible to go so far as to say that technology itself (and the uses to which it is put) is less predictable than the hopes and promises for it that we harbor”.

poromos método e experiência, de forma a tentarmos não generalizar uma experiência pessoal de uso para uma constatação de que aquele evento/experiência é o que ocorre em todos os âmbitos da internet, em especial, no que diz respeito às audiências. A questão do *hype*, conforme observa Jones, levanta aspectos positivos em relação à descoberta – se pensarmos especialmente na produção de artigos sobre ferramentas e temáticas que emergem a cada ano na pesquisa em internet – o que ajuda no desvelamento de pertinentes aspectos das mesmas para a comunidade científica. Por outro lado, o foco nos modismos pode implicar em não aprofundamento das questões e em um certo apagamento da perspectiva histórica, dotando uma determinada amostra de um caráter “inovador” que provavelmente já foi estudado em outras condições em relação a algum outro objeto. Dez anos depois, em 2009, a coletânea *Internet Inquiry*, organizada por Annette Markham e Nancy Baym, ainda apresenta preocupações concernentes aos modismos em relação à pesquisa sobre internet, indicando que é preciso não perder a continuidade com os métodos, processos e objetos relevantes do passado a fim de nos comprometermos em construir sentido da novidade através da compreensão.

A questão do modismo, ou do *hype*, em relação às temáticas abordadas pelas pesquisas sobre a internet já estava presente desde seu princípio nos anos 90, como caracteriza Postill (2010, online): “Muito *hype* sobre a nova era da Internet ou nova era virtual; códigos binários, virtual *versus* real, online *versus* offline, interações síncronas *versus* assíncronas; internet pensada como um domínio isolado – ‘ciberespaço’<sup>10</sup>. De acordo com o autor, os três elementos centrais das pesquisas sobre internet produzidas durante a década de 90 são: o *hype* acerca do próprio surgimento da internet; a polarização real *versus* virtual e o entendimento da internet como esfera autônoma, distinta do real.

<sup>10</sup> “A lot of *hype* about new Internet or virtual era; binaries galore: virtual vs. real, online vs. offline, synchronous vs. asynchronous interactions; Internet thought to be a realm apart – ‘cyberspace’”.

Postill (2010, online) comenta que, na segunda metade dos anos 90, houve uma alteração no tipo de pesquisa, caracterizadas pela análise do objeto internet já inserida dentro do cotidiano, e não tanto como item extraordinário, residindo af sua eficácia e poder. O autor afirma que nessa época começam a aparecer estudos que relacionam e comparam a internet com outras mídias. Além disso, houve uma popularização dos tipos de usuários para além da classe média branca masculina e norte-americana, como indicam Miller e Slater (2001). Posthill (2010, online) chama essa fase de “Segunda Era dos Estudos de Internet” e, segundo ele, a questão-chave dos estudos seria: “Como as pessoas ‘roubam’ tempo de suas outras atividades para os usos da internet.”<sup>11</sup>. É importante lembrar que o autor está se referindo nessa fase ao contexto de pesquisa anglo-saxão que nem sempre, ou dificilmente, corresponde às pesquisas desenvolvidas fora desse eixo.

A partir dos anos 00, a tendência dos estudos é de se voltarem à

(...) descrição e compreensão dos objetos dentro de suas próprias dinâmicas, apropriações e lógicas. Também há uma delimitação de amostras e observáveis cujo objeto está bem mais recortado, e na qual muitas pesquisas partem da relação micro-macro para efeitos de comparação, além de um aumento de trabalhos cujas preocupações metodológicas são explicitamente abordadas (Amaral e Montardo, 2010, p. 7).

A periodização sobre os estudos de internet no contexto internacional proposta por Wellman (2004) também se divide em três fases. A primeira delas é caracterizada pela dicotomia entre autores utópicos e distópicos. Segundo ele, nessa fase, predominava um tipo de narrativa na qual parecia que “o mundo da comunicação

houvesse iniciado com a internet”, ou seja, a perspectiva histórico-comparativa era minoria. Já na segunda fase – que de acordo com o autor começou por volta de 1998 – as pesquisas começam a utilizar a sistemática da documentação para coleta e observação tanto dos usuários como dos tipos de usos e práticas sociais. Paralelamente a isso, ocorre uma ampliação do acesso da internet a uma gama maior de públicos, o que reflete em estudos que se utilizam de pesquisas de opinião (*surveys*) e entrevistas. Os resultados relatam os tipos de apropriações feitas por diferentes faixas etárias, gêneros, classes sociais etc. Quanto à terceira fase, Wellman (2004) afirma que a abordagem teórico-metodológica está focada, de forma mais preeminente, na análise dos dados, a partir de pesquisas que levantam reflexões mais densas a respeito dos “padrões de conexões, personalização e comunicação”.

Embora a historização elaborada por Wellman (2004) e Postill (2010) seja pertinente ao observarmos a alguns dos principais estudos conduzidos sobre a internet publicados ao longo desses períodos, ela merece ser relativizada, no sentido que, corresponde, em grande parte, ao desenvolvimento das pesquisas no contexto anglo-saxão, não levando em consideração diferenças de outros contextos sociais, culturais e econômicos de países como o Brasil, por exemplo, conforme indicam Amaral e Montardo (2010). No exemplo nacional, observa-se que um direcionamento rumo a pesquisa empírica em internet entra com maior força apenas a partir da segunda metade dos anos 2000, pois, antes disso, boa parte dos estudos voltava-se a aspectos filosóficos ou até mesmo psicológicos cujas abordagens eram estritamente teóricas e e/ou ensaísticas sem comprometimento com coleta de dados no campo.

As fases sistematizadas pelos autores (Tabela 1) apresentadas aqui não são compreendidas como definitivas ou prontas, pois também possuem momentos nos quais uma etapa é entrecruzada com outra – em termos de características das pesquisas desenvolvidas. Além disso, essas narrativas científicas são, como afirma Costigan (1999), interpretações personalizadas da história da internet, de acordo com as visões individuais de cada pesquisador –

<sup>11</sup> “How do people ‘steal’ time from other activities for Internet uses”.

o que implica na relação com suas próprias trajetórias e identidades de pesquisa – e do espírito da época no qual elas estão inseridas quando escritas e quando consumidas pelo público, uma vez que a sociedade que pesquisa e escreve sobre os efeitos da internet é muitas vezes a mesma que consome os artigos.

**Tabela 1:** Principais fases dos estudos de internet para Wellmann (2004) e Postill (2010).

Fases dos Estudos sobre Internet	1ª Fase (Início dos 90)	2ª Fase (Segunda metade dos 90)	3ª Fase (Início dos 00)
Wellmann (2004)	Dicotomia entre utópicos e distópicos; a narrativa da história da comunicação parece ter início com a internet.	Inicia por volta de 1998; coleta e análise de dados: documentação e observação sobre os usuários e suas práticas sociais; internet começa a atingir um público maior e mais diverso do que o da fase anterior; pesquisa de opinião e entrevistas; resultados atingidos: apropriações feitas por diferentes classes sociais, gêneros, faixas etárias etc.	Abordagem teórico-metodológica: enfoque na análise dos dados; reflexões sobre padrões de conexões, personalização e comunicação.

Fases dos Estudos sobre Internet	1ª Fase (Início dos 90)	2ª Fase (Segunda metade dos 90)	3ª Fase (Início dos 00)
Postill (2010)	<i>Hype</i> acerca do próprio surgimento da internet; polarização real <i>versus</i> virtual; internet como esfera autônoma; interações síncronas <i>versus</i> assíncronas.	Análise do objeto internet já inserida dentro do cotidiano; comparações entre a internet e outras mídias; popularização da internet para vários tipos de usuários; amostragem intencional (escolha de casos extremos).	Enfoque nos usos e apropriações; explicitação metodológica.
Observações	Para Postill, sobretudo nas duas primeiras fases, há muita ênfase no <i>hype</i> sobre a própria internet.	Wellmann indica uma predominância na segunda fase dos estudos quantitativos, enquanto que na segunda fase a abordagem qualitativa tem aparecido com mais força.	

Após essas considerações sobre o processo histórico da pesquisa sobre internet e de que modo elas afetam no *modus operandi* e no desenvolvimento dos estudos, cabe tecer comentários sobre alguns dos tipos de abordagens temáticas mais comuns observadas nos estudos de cunho qualitativo ou quantitativo. Salientamos que essas não são as únicas formas de abordar a internet enquanto objeto. A Análise Estrutural de Redes,

por exemplo, apresenta uma perspectiva bastante distinta gerando outros tipos de estudos, bastante vinculados à metodologia de Análise de Redes Sociais (discutida no quinto capítulo do livro). No entanto, as abordagens descritas a seguir foram escolhidas por aparecerem repetidamente em publicações (artigos e livros) sobre metodologias qualitativas de pesquisa para a internet e por estarem fortemente relacionadas aos estudos estritamente qualitativos e relacionados com a tradição de pensamento antropológico e/ou, muitas vezes, relacionados aos Estudos Culturais e às perspectivas metodológicas etnográficas (tratadas no sexto capítulo do livro).

### 3. Principais abordagens qualitativas da pesquisa sobre internet

Não só a disponibilidade de informações a respeito de objetos de pesquisa na internet é fator determinante para o emergir de uma metodologia de pesquisas online, mas também a localização dos objetos no ciberespaço, além do posicionamento da internet como próprio objeto de estudo em sua intrínseca relação com diversas culturas (Amaral, Natal e Viana, 2008, p. 36).

Em 2000, Hine propôs que a internet, enquanto objeto de estudo, tende a ser elaborada conceitualmente sob dois modelos de abordagem teóricas que podem ou não estar conectadas: internet enquanto cultura e enquanto artefato cultural<sup>12</sup>.

<sup>12</sup> A noção de artefato cultural é oriunda da antropologia e dos estudos sobre as comunidades. Segundo Shah (2005, p. 8), “um artefato cultural pode ser definido como um repositório vivo de significados compartilhados que são produzidos por uma comunidade de ideias. Um artefato cultural é um símbolo comunitário de pertencimento e posse (no sentido não-violento e não-religioso da palavra). Um artefato cultural se torna infinitamente mutável e gera muitas auto-referências que são mutuamente definidas, muito mais do que gera uma narrativa linear central. Por estar além do alcance da lei, o artefato cultural torna-se um signo para a construção da Ordem Simbólica dentro da comunidade. Ele carrega uma autoridade ilegítima, que não é sancionada por sistemas legais ou pelo Estado, mas pelas práticas vivenciadas pelas pessoas que as criam”.

Os modelos de cultura e de artefato cultural são utilizados para fornecerem uma estrutura para pensar sobre dois aspectos do ciberespaço que podem ser observados como campos para um etnógrafo. Cada olhar sobre a internet sugere diferentes abordagens metodológicas e um conjunto distinto de problemas e vantagens (Hine, 2000, p. 14).

Na perspectiva da internet como cultura, ela é normalmente compreendida enquanto um espaço distinto do offline, no qual o estudo enfoca o contexto cultural dos fenômenos que ocorrem nas comunidades e/ou mundos virtuais. Para a autora, essa abordagem leva em consideração funções e formações sociais, além de tipos de organizações tais como os conflitos, cooperações, o fortalecimento das comunidades virtuais como uma entre os diferentes tipos de narrativas possibilitadas pelas redes digitais. Os textos de Rheingold (1997) e Jones (1999) são seminiais a respeito desse tipo de organização virtual. “A internet e redes similares fornecem um campo naturalmente recorrente para estudar o que as pessoas fazem enquanto estão online”. (Hine, 2000, p. 18), no sentido de poder revelar aspectos sociais acerca daquela cultura emergente.

Os estudos sobre experimentações das identidades online também fazem parte desse tipo de abordagem e aparecem em diversas pesquisas publicadas principalmente ao longo dos anos 90, como alguns que hoje já podem ser considerados historicamente “clássicos”, como de Stone (1995) que analisa a questão do corpo e sua vinculação com uma aparente “desmaterialização” provocada pela internet; e Turkle (1997) que debate a multiplicidade e os jogos identitários dos usuários de MUDs mesclando psicologia social, antropologia e comunicação.

Boyd (2009, p. 27) lembra que os primeiros trabalhos focados na cultura da internet se baseavam em grupos reunidos em torno de um tópico ou atividade e que as tecnologias mais recentes como blogs e sites de redes sociais alteraram um pouco essa dinâmica,



uma vez que os “grupos sociais atuais são definidos através dos relacionamentos”, em uma noção egocêntrica de comunidade no qual os indivíduos elaboram seu mundo social através dos links e da atenção. Essa mudança de foco evita que se pense na internet como uma cultura e comportamento fechado em si mesmo, mas sim observado nas conexões. Seguindo essa linha de raciocínio, uma crítica a essa perspectiva indicada por Espinosa (2007, p. 275) é a de que ela pode criar uma certa tendência de entendimento da internet como uma redução de signos sociais (como afirma Hine), ou um espaço social delimitado, em uma cultura que contém a si mesma (uma cultura encerrada nela mesma), autossuficiente e alienante que independe do offline. Em vez de tratar da “cultura da internet”, o autor sugere, assim como Hine (2000), que pensemos nas “culturas da internet”, nos remetendo diretamente à abordagem de internet como artefato cultural.

A perspectiva da internet como **artefato cultural** observa a inserção da tecnologia na vida cotidiana. Assim, favorece a percepção da rede como um elemento da cultura e não como uma entidade à parte, em uma perspectiva que se diferencia da anterior, entre outras coisas, pela integração dos âmbitos online e offline. A ideia de artefato cultural compreende que existem diferentes significados culturais em diferentes contextos de uso. O objeto internet não é único, mas sim multifacetado e passível de apropriações. “Tanto a sua produção quanto o seu consumo são dispersos entre múltiplos locais, instituições e indivíduos” (Hine, 2000, p. 28).

Os estudos cujas abordagens enfatizam o aspecto de artefato cultural tendem a observar questões acerca dos discursos sobre a internet, como, por exemplo, os discursos libertários acerca da natureza anárquica e da atitude contracultural dos *hackers* e *cyberpunks* do início da rede, como em Lemos (2002), Amaral (2006) ou Turner (2006) e os processos de produção e consumo na construção do sentido dos seus usos sociais. A noção de internet como artefato cultural oportuniza o entendimento do objeto como um local intersticial no qual as fronteiras entre online e offline são fluidas e ambos interatuam.

As práticas de produção e consumo de conteúdo dos usuários acabam oportunizando um amplo recorte de análise. Nessa abordagem, o papel das audiências pode ser enfatizado e relativizado em seus aspectos positivos e negativos, a partir de uma intrínseca relação com os estudos culturais como propõe Sterne (1999), sob a noção antecipada por Raymond Williams (1974), de que as tecnologias são sempre produzidas por um processo histórico e em um sistema social, como uma “articulação ou aparato” (Slack e Wise, 2002).

A problematização sobre o papel da recepção da internet como forma de um entrelaçamento “teórico-metodológico” (Knewitz, 2009) também implica concepções de audiência da internet. Para Bermejo (2007, p. 19), é preciso pensar a forma mais apropriada a respeito de como refletir sobre as definições da audiência da internet. Algumas ideias fundamentais para a busca de uma possível definição dizem respeito à:

- 1) natureza ambígua da audiência da internet;
- 2) à centralidade da WWW quando falamos sobre a audiência da internet;
- 3) à importância dos interesses comerciais para qualquer compreensão da mesma;
- 4) à fragmentação de audiência produzida por uma mídia complexa como a internet;
- 5) à questão da interatividade e a assimetria entre o emissor e o receptor; e por fim,
- 6) às limitações e possibilidades da pesquisa sobre audiências da internet.

Aos dois tipos de abordagens citados por Hine (2000), o coletivo de pesquisa espanhol *Mediaciones (Universitat Oberta de Catalunya)*<sup>13</sup> acrescentou uma terceira forma, embora ainda nos pareça filiada à noção de artefato cultural: internet como **tecnologia midiática**, que gera práticas sociais. De acordo com essa proposta, cada abordagem teórica e seus diferentes conceitos são apropriados

<sup>13</sup> <http://mediaciones.es/>.

a diferentes objetos/campos e podem ser observados sob diferentes metodologias de pesquisa qualitativa. Os objetos de estudo são desenhados e definidos a partir das práticas midiáticas por eles geradas, levando em consideração as relações “borradas” entre online/offline (Tabela 2).

A ênfase na abordagem espanhola seria pontuada pela convergência de mídias e a construção dos objetos permitiria “seguir as práticas e os atores sociais” em suas performances, levando em conta não apenas a dimensão simbólica, mas também a dimensão material no qual o campo é definido durante a pesquisa.

A abordagem praxeológica<sup>14</sup> proposta pelo grupo de Barcelona funciona como um entrelaçado que envolve “representação (narrativas), práticas (agenciamentos) e materialidade (infraestruturas); e que esteja além das dicotomias, entendidas como articulações, ‘campos’, metodologias e traduções” (Ardevól et al, 2008, p. 1). Tal abordagem entende a internet como mídia<sup>15</sup> que permite práticas e estratégias comunicacionais que estão articuladas com os diferentes tipos de cultura.

Para iniciar podemos definir a relação entre as práticas midiáticas e cultura popular como um conjunto de práticas relacionadas com o consumo de meios audiovisuais digitais (câmeras, TV, Internet) que acontecem preferencialmente durante o tempo de ócio (no espaço social pessoal) e que conduzem a práticas

relacionadas também com a sociabilidade em termos de criação e manutenção de relações sociais afetivas e de solidariedade (familiares, de amizade) e em termos de construção de identidades pessoais e coletivas (Ardevól e San Cornelio, 2007, p. 3).

As críticas às diferentes abordagens do objeto internet também podem ser observadas em Valdettaro (2010). A autora aponta que determinados estudos qualitativos sobre internet – em especial as conceituações de cunho interpretativo e, sobretudo, etnográficos relacionados às diferentes abordagens sobre a internet como cultura e artefato cultural – parecem ainda repetir a dualidade entre online e offline, além da autonomia de um objeto que já se encontra “naturalizado na vida cotidiana”.

Valdettaro (2010, p. 24) defende que as investigações qualitativas, em alguns âmbitos, são as “que têm conseguido atingir um alto nível de sofisticação”<sup>16</sup> devido ao tratamento sistemático conferido à análise dos dados, constituindo um campo de conhecimento que escapa às opiniões e à verve “interpretativista” de muitas das ciências sociais. A autora cita como exemplo positivo as investigações quali-quantitativas denominadas como “cyberscience” – (termo norte-americano), “e-science” (termo que se originou na Grã-Bretanha e se expandiu pela Europa) e “e-research” que são representadas por projetos desenvolvidos por instituições/organizações como o *Oxford Internet Institute*<sup>17</sup> e o *Manchester E-Research Centre (ex-National Centre for E-social Science)*<sup>18</sup>, do Reino Unido; o *Virtual Knowledge Studio for the Humanities and Social Sciences*<sup>19</sup> da Holanda.

<sup>14</sup> “Praxeologia é a teoria ou ciência da ação que procura estabelecer as leis que governam a ação humana, levando a conclusões e resultados operacionais.” (Japiassu & Marcondes, 2008, p. 223-224).

<sup>15</sup> Em sua comparação entre a televisão aberta e a internet, Wolton (2003) afirma que a segunda é um sistema de informação, mas não uma mídia por conta das diferenças de funções entre ambas. Um dos argumentos centrais do autor para tal proposição é de que a internet não possui um público pré-definido (2003, p. 100), mas como vimos a partir de Bermejo (2007) e outros autores, essa concepção de Wolton é falaciosa, em especial, se pensarmos na segmentação, nos nichos e subculturas relacionados com as mídias digitais.

<sup>16</sup> “que han logrado un alto nivel de sofisticación”.

<sup>17</sup> <http://www.oii.ox.ac.uk/>.

<sup>18</sup> <http://www.merc.ac.uk/>.

<sup>19</sup> <http://virtualknowledgestudio.nl/>.

**Tabela 2:** Abordagens teóricas sobre a internet enquanto objeto de estudo. **Fonte:** Ardevol et al. (2008).

Abordagem Teórica	Internet como Cultura	Internet como Artefato Cultural	Internet como Mídia
Conceitos	Ciberspaço, vida virtual, cibercultura, descorporificação, desterritorialização.	Online/Offline, incorporada à vida cotidiana, localidade.	Convergência de mídia, vida cotidiana, novas mídias, cultura digital.
Objeto/Campo	Com base no texto: Chats, BBS, IRC, Usenet, News-groups, MUDs.	Com base na web: Páginas pessoais, websites, mundos virtuais.	Redes sociais, objetos multi-mídia: Conteúdo gerado por consumidor, Web 2.0.
Metodologia Qualitativa Etnografia	Comunidades Virtuais, Comunicação Mediada por Computador, Identidade Online, Estudos feitos exclusivamente em tela.	Laços sociais, representação de identidade, "estudos além da tela", apropriação da tecnologia, etnografia virtual.	Etnografia multimídia, etnografia conectiva, etnografia das redes.

Além dos diferentes tipos de abordagens recorrentes na literatura sobre os estudos de internet, duas outras categorias centrais para a construção do desenho da pesquisa são os recortes temáticos e os objetos analisados. As escolhas a serem tomadas em relação a ambas têm impacto tanto no tipo de observação a ser conduzida, quanto na construção da amostra e na coleta e análise dos dados.

#### 4. Das possíveis temáticas e objetos

Muitas são as possibilidades de categorias temáticas sendo estudadas em relação à internet. Em uma tentativa de mapeamento inicial do campo durante a década de 2000-2010, Amaral e Montardo (2010, p. 10) detectaram onze (11) temáticas recorrentes em algumas pesquisas desenvolvidas no Brasil e nos Estados Unidos. Evidentemente que esse recorte específico possui suas restrições e insuficiências, mas podem nos ajudar a sistematizar algumas tendências e a pensar em algumas possibilidades refletidas na coleta dos dados.

Selecionamos, a partir do recorte das autoras (Amaral & Montardo, 2010, p. 10), apenas as categorias temáticas que estão diretamente relacionadas à internet ou à web, deixando de fora temas pertinentes a outras tecnologias da comunicação e informação. É importante salientar que cada um desses recortes temáticos estão interligados, e uma boa parte das pesquisas não está centrada em apenas um eixo, mas transita entre pelo menos dois. Como toda categorização, deixa de fora uma miríade de possibilidades e assuntos tratados:

**Linguagem:** Estudos sobre arquitetura de informação, hipertexto, links, buscadores, hipermídia, narrativa de jogos digitais etc.

**Apropriação Tecnológica:** Estudos sobre a reconfiguração de práticas sociais/culturais e sociabilidade em função das TICs.

**Economia Política da Comunicação Mediada por Computador:** Investigações ligadas a novas conformações econômicas e políticas em função da internet.

**Ciberativismo:** Reflexões sobre a potencialização da ação do indivíduo/coletividade em termos de ação política via internet.

**Inclusão digital:** Estudos sobre a potencialização da inclusão social via TICs.

**Práticas de Consumo Mercadológico:** Estudo das práticas de consumo em relação à internet e outras TICs.

**Socialização Online:** Práticas de socialização online.

Para Silver (2004, p. 6), dois dos temas fundadores dos estudos de internet seriam as comunidades virtuais (Rheingold, 1997; Recuero, 2005, entre outros) e as identidades online (Turkle, 1999; Donath, 1998). Uma espécie de desdobramento desses estudos aparece relacionado a grupos sociais de nicho e subculturas, em estudos de autores como Bell (2001), Caspary e Manzenreiter (2003), Amaral (2007), Fontanella (2010) entre outros. Essas pesquisas “sinalizam uma expressiva relação com a tecnologia através das atividades subculturais” (Silver, 2004, p. 7) ou o que denominam “cibersubculturas”.

Outra tematização importante diz respeito às rotinas produtivas profissionais oriundas das práticas da comunicação e suas possíveis transformações frente à inserção da internet em seus contextos de trabalho. É o caso das pesquisas sobre jornalismo digital, publicidade online e webmarketing, comunicação corporativa digital e relações públicas.

Como eixos transversais a algumas dessas temáticas, as questões ligadas a classes sociais, gêneros, etnicidade etc. também pautam diversas investigações sobre a internet. Mesmo assim, cada um desses temas poderia estar inserido dentro de uma das temáticas “mais amplas” já mencionadas, como socialização, inclusão ou apropriação, ciberativismo etc. variando conforme a ênfase em um aspecto ou outro.

Já no que diz respeito aos objetos específicos que têm sido investigados nos estudos de internet, a descrição e identificação da maioria deles não é uma possibilidade viável no âmbito desse capítulo, uma vez que novidades surgem e são observadas *in locus*, assim que os desenvolvedores as disponibilizam online e que os “early adopters”<sup>20</sup> as tomam para si. No entanto, tomando como base a última década, a diversidade dos objetos pesquisados cresceu

consideravelmente, incluindo os sistemas de publicação e distribuição de conteúdo online, websites, portais, bancos de dados, comunicadores instantâneos, fóruns, listas de discussão, sites de redes sociais, blogs, mundos virtuais, entre tantos outros. A partir da emergência de tantos objetos possíveis de serem observados a partir dos estudos de internet, selecionamos alguns exemplos de métodos de coleta e análise de dados que vêm sendo investigados ao longo dos anos (Tabela 3).

**Tabela 3:** Algumas ferramentas digitais e métodos já utilizados em suas análises

Objetos	Alguns métodos apresentados na literatura
Blogs Fotologs Videologs Moblogs Microblogs	Análise de conteúdo Análise de discurso Etnografia + ARS <sup>21</sup> Entrevistas Estudo de caso Observação participante Método Biográfico Estatísticas
Páginas Pessoais Websites	Análise de Hyperlinks Etnografia Estudo de Caso Análise de webesfera Webometria
Portais	Estudo de caso – Método GJOL <sup>22</sup> Etnografia Entrevistas em profundidade Análise documental

<sup>21</sup> Análise de Redes Sociais.

<sup>22</sup> Método de Estudo de Caso Misto, utilizado pelo Grupo de Jornalismo Online da UFPA. Ver Machado e Palácios (2007).

Objetos	Alguns métodos apresentados na literatura
Mundos virtuais MMORPGs	Interacionismo simbólico Etnografia Semiótica Análise documental
Fóruns Chats Listas de discussão IRC	Pesquisa de opinião (survey) Observação Participante Entrevista Teoria Fundada
Sites de Redes Sociais	ARS Etnografia ARS + Etnografia Grupo Focal Online Entrevista em profundidade Análise de Conversação

Observamos até aqui a trajetória dos estudos de internet, partindo dos aspectos relativos a algumas definições, histórico, principais abordagens, temáticas e objetos analisados desde os anos 90.

Quando se pensa na coleta e análise de dados na pesquisa em internet, é essencial considerar uma gama de aspectos que vão desde as estratégias de utilização dos ambientes digitais até aspectos de cunho ético em relação à publicização e identificação de informações e dados obtidos. Esse planejamento – pautado pelas questões éticas – é um dos elementos que deve permear todo o processo de investigação a fim de contribuir para a construção da qualidade na pesquisa em internet. Baym (2009) elenca cinco sugestões práticas para qualificar o desenvolvimento de uma pesquisa aos quais adicionamos alguns comentários:

**Conectar-se à história prévia da investigação:** Os aspectos históricos e da tradição teórica da pesquisa como por exemplo o levantamento bibliográfico específico sobre teorias e sobre o objeto estudado;

**Foco:** Tentar manter o enfoque na temática/abordagem/linhas-guias escolhidas, decorrente da importância do conhecimento sobre as mesmas;

**Seja prático:** Na compreensão da filosofia, a prática diz respeito à ação e ao conhecimento empírico. Para agir é necessário fazer escolhas, mesmo que isso inclua o descarte de dados, por exemplo, devido aos limites da pesquisa;

**Antecipe contra-argumentos:** Através da preparação em relação aos questionamentos dos pares é possível antecipar argumentos contrários em relação à pesquisa através de algumas formas como: a problematização dos conceitos centrais; a escuta dos participantes (os sujeitos envolvidos); a atenção/observação atenta ao contexto e ao próprio pesquisador; a busca de contrastes nos dados; o limite das reivindicações (em relação ao objeto e a análise); documentação do processo de pesquisa e enquadramento do estudo para diversos tipos de leitores;

**Desenvolva explicações convincentes:** “A capacidade de oferecer maneiras de pensar que possam mudar a forma como compreendemos e talvez até agimos em nosso mundo social” (Baym, 2009, p. 187)<sup>23</sup>. As recomendações da autora, embora proposital e suficientemente genéricas para extrapolar os limites do campo da pesquisa em internet, de certa forma resumem algumas das principais ideias sobre a condução das investigações apresentadas nesse capítulo, seja via contextualização histórica das teorias e objetos, escolha da abordagem e questionamentos dos conceitos e teorias. Assim, o entendimento do campo dos estudos sobre internet pode vir a ser tensionado em cada pesquisa em andamento.

## 5. Considerações Finais

No presente capítulo observamos, de modo geral, algumas das principais características dos estudos sobre internet, tendo como

<sup>23</sup> “ability to offer ways of thinking that change how we understand and perhaps act in our social world”.

eixo condutor questões pertinentes à coleta e análise de dados. Tomamos como ponto de partida uma visão de contexto histórico da pesquisa nesse campo, de suas distintas fases, abordagens e recortes temáticos mais utilizados na literatura específica. Os questionamentos e problematizações em torno do objeto internet mostram-se essenciais para o planejamento das diversas etapas da pesquisa, especialmente a coleta e análise de dados. Da mirada histórica articulada com aspectos teóricos e metodológicos percebidos em relação à pesquisa em internet, emergem questões éticas e possibilidades de observação em relação a uma ampla gama de objetos e fenômenos comunicacionais pertinentes a esse campo.

Não pretendemos esgotar o assunto dos estudos em internet, já que sua extensão e desdobramentos para a pesquisa como um todo merece atenção especial dentro da construção do desenho da pesquisa, em especial através dos impactos dele na coleta e análise de dados, conforme alguns apontamentos aqui descritos. O amálgama entre as definições conceituais sobre esse campo, sua história, enfoques e temáticas é parte de sua essência, trazendo possibilidades e limitações que são refletidas nas escolhas do pesquisador e que ainda necessitam ser muito discutidas por outros estudos.

## Referências

- ADAMIC, Lada e ADAR, Eytan. *You are what you link. 10th annual International world wide web Conference*, Hong Kong, 2001. Online em <http://www10.org/program/society/yawyl/YouAreWhatYouLink.htm> [11/01/2009].
- ALEXANDER, Jeffrey C. *Action and Its Environments*. In. ALEXANDER, Jeffrey C. et al. (orgs). *The Micro-Macro Link*. University of California Press, p. 289-318, 1987.
- ALEXANDER, Jeffrey C. e GIESEN, Bernhard. *From Reduction to Linkage: the long view of the micro-macro debate*. In. ALEXANDER, Jeffrey C. et al. (orgs). *The Micro-Macro Link*. University of California Press, p. 1-44, 1987.
- ALLAN, G. *A critique of using grounded theory as a research method*. *Electronic Journal of Business Research Methods*, v. 2 n. 1, p. 1-10, 2003. Disponível em <<http://www.ejbrm.com/vol2/v2-i1/issue1-art1-allan.pdf>>. Acesso em 20 jun. 2010.
- ALMEIDA, Lia. *O Blog visto pela redação. Os blogs e a blogosfera nas rotinas de trabalho dos jornalistas com estudos de casos dos jornais A Tarde e Gazeta do Povo*. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporânea), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.
- AMARAL, Adriana; MONTARDO, S. *Pesquisa em Cibercultura e Internet: Estudo exploratório comparativo da produção científica da área no Brasil e nos Estados Unidos*. In: *Anais do IV Colóquio Brasil-EUA de Ciências da Comunicação, Intercom 2010*, Set. de 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-2639-1.pdf>. Acesso em 20/09/2010.
- AMARAL, Adriana. *Cybersubculturas e cybercenas. Explorações iniciais das*

- práticas comunicacionais electro-goth na Internet*. Revista FAMECOS, v. 33, p. 21-28, Porto Alegre, 2007.
- AMARAL, Adriana. *Visões perigosas: uma arque-genealogia do cyberpunk*. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- AMARAL, Adriana; NATAL, Geórgia; VIANA, Lucina. *Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital*. In: Revista Sessões do Imaginário, Porto Alegre, v.2, n.20, dez. 2008, pp.34-40. Disponível em: <<http://revistaseltronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/viewFile/4829/368>>. Acesso em: 20/01/2010.
- AMARAL, Adriana. *Categorização dos gêneros musicais na Internet – Para uma etnografia virtual das práticas comunicacionais na plataforma social Last.fm*. pp. 227-242. In: FREIRE FILHO, João.; HERSCHMANN, Micael (orgs). *Novos rumos da cultura da mídia. Indústrias, produtos e audiências*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.
- AMARAL, Adriana. *Autometnografia e inserção online: o papel do pesquisador insider nas subculturas da web*. Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos, v. 11, p. 14-24, 2009. Disponível em: <<http://www.frenteiras.unisinos.br/pdf/62.pdf>>. Acesso em: 05/12/2009.
- AMARAL, Adriana. *Etnografia e pesquisa em cibercultura: possibilidades e limitações*. Revista da USP, n. 86, jun/jul/ago 2010.
- AMARAL, Adriana.; AQUINO, Maria Clara. *Eu recomendo... e etiqueta*. Práticas de folksonomia dos usuários no Last.fm. In: Revista Líbero, n. 24, Ano XII, pp.117-129, Dez. 2009. Disponível em: <<http://www.revistas.universciencia.org/index.php/libero/article/view/6779/6122>>. Acesso em: 01/02/2010.
- AMARAL, Adriana.; DUARTE, Renata F. *A subcultura cosplay no Orkut: comunicação e sociabilidade online e offline*. p. 269-288. In: BORELLI, S.; FREIRE FILHO, João. (Orgs.). *Culturas juvenis no século XXI*. 1a. ed. São Paulo: EDUC-PUCSP, 2008, v. 1.
- AMARAL, Adriana; NATAL, Geórgia; VIANA, Lucina. *Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital*. In: Revista Sessões do Imaginário, Porto Alegre, v.2, n.20, dez. 2008, pp.34-40. Disponível em: <<http://revistaseltronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/viewFile/4829/3687>>. Acesso em: 20/01/2010.
- ANDERSON, C. *The Long Tail*, Wired Magazine, v. 12, n.10, Outubro de 2004. Online em <http://www.wired.com/wired/archive/12.10/taill.html> [14/01/2007].
- ANGROSINO, Michael. *Etnografia e observação participante*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- ARDEVOL, Elisenda., et al. *Media practices and the Internet: some reflections through ethnography*. 2008. Apresentação no Simposio del XI congreso de antropología de la FAEE, Donostia, 10-13 de septiembre de 2008. Disponível em: <<http://www.slideshare.net/Estalella/towards-an-ethnography-of-new-media-practices-reflections-through-field-experience-presentation?src=embed>>. Acesso em: 01/02/2010.
- ARDEVOL, Elisenda; SAN CORNELIO, Gemma. “Si quieres vernos en acción: YouTube.com” *Prácticas mediáticas y autoproducción en Internet*. Revista Chilena de Antropología Visual, núm. 10. Out. 2007. Disponível em [http://www.antropologiavisual.cl/ardevol\\_&\\_san\\_cornelio.htm](http://www.antropologiavisual.cl/ardevol_&_san_cornelio.htm). Acesso em 02/02/2010.
- BALNAVES, Mark e CAPUTI, Peter. *Introduction to quantitative research methods: an investigative approach*. London: Sage, 2001.
- BANDEIRA, Ana P. “Don’t tell me what I can’t do”: *as práticas de consumo e participação dos fãs de Lost*. Dissertação de Mestrado. 2009. 133 p. Dissertação. (Mestrado em Comunicação Social), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Programa de Pós-graduação em Comunicação Social. Disponível em: <[http://tede.pucrs.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=2038](http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2038)>. Acesso em: 10/02/2010.
- BARABÁSI, Albert-László. *Linked: how everything is connected to everything else and what it means for business, science, and everyday life*. New York: Plume, 2003.
- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2006.
- BARNETT, George A e SUNG, Eunjung. *Culture and the structure of the international hyperlink network*. Journal of Computer-Mediated Communication, v. 11, n. 1. 2005. Online em <http://jcmc.indiana.edu/vol11/issue1/barnett.html> [21/06/2009].



- McLAUGHLIN, Margaret., GOLDBERG, Steven B., ELLISON, Nicole., LUCAS, Jason. Measuring Internet Audiences: Patrons of an on-line art museum. pp. 163-177. In: JONES, Steve (ed). *Doing Internet Research. Critical Issues and Methods for Examining the Net*. London: Sage, 1999.
- MIELNICZUK, Luciana e PALACIOS, Marcos. Considerações para um estudo sobre o formato da notícia na web: o link como elemento paratextual. *Pauta Geral*, Salvador, v. 4, p. 33-50, 2002.
- MILGRAM, S. *The Small-World Problem*. *Psychology Today*, n. 1, p. 62-67, maio de 1956.
- MILLER, Daniel, SLATER, Don. *The Internet. An ethnographic approach*. Oxford: Berg, 2001.
- MINIWATTS MARKETING GROUP. *Internet Usage Statistics*. The Internet Big Picture, World Internet Users and Population Stats. Disponível em <<http://www.internetworldstats.com/stats.htm>>. Acesso em: 20 jun. 2010.
- MISCHAUD, E. *Twitter: Expressions of the Whole Self. An investigation into user appropriation of a web-based communications platform*. Dissertação de mestrado em Politics and Communication submetida ao Department of Media and Communications, London School of Economics and Political Science, 2007. Disponível em: [[http://www.lse.ac.uk/collections/media@lse/mediaWorkingPapers/MScDissertationSeries/Mischaud\\_final.pdf](http://www.lse.ac.uk/collections/media@lse/mediaWorkingPapers/MScDissertationSeries/Mischaud_final.pdf)]. Acesso em 20/01/2009.
- MITSUISHI, Yara. Entre graphos e ethos: uma abordagem crítica a etnografia virtual. In: RIBEIRO, José; BAIRON, Sérgio. (Org.). *Antropologia Visual e Hipermidia*. Lisboa: Edições Afrontamento, 2007. Disponível em: [http://realidadesintetica.com/pdfs/mitsubishi\\_ygraphosethos.pdf](http://realidadesintetica.com/pdfs/mitsubishi_ygraphosethos.pdf). Acesso em 05/11/2009.
- MJØSET, Lars. *Can Grounded Theory Solve The Problems of Its Critics?* In: *Sociologisk tidskrift*. Vol 13. p. 379-408.
- MONTARDO, Sandra; PASSERINO, Lílilana. Estudo dos blogs a partir da netnografia: possibilidades e limitações. In: RENOUE, Revista Novas Tecnologias na Educação, v. 4, no. 2, Dezembro de 2006. Disponível em: <<http://www.cinted.ufrgs.br/renote/dez2006/artigosrenote/25065.pdf>>
- Acesso em: 05/03/2007
- MONTARDO, Sandra; ROCHA, Paula J. Netnografia: incursões metodológicas na cibercultura. In: Revista E-compós, Revista Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação. Volume 4, Brasília, Dezembro 2005. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/55/55>>. Acesso em: 02/08/2007.
- MONTARDO, Sandra. Redes temáticas na Web e biossocialidade on-line. Artigo apresentado no GT Comunicação e Cibercultura do XVIII Encontro da Compós - Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação, PUCMG, Belo Horizonte, junho de 2009. Disponível em: <[http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_1022.pdf](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1022.pdf)>. Acesso em: 05/11/2009.
- NATAL, Geórgia M. Comunicação e construção de perfis de consumo e identidades na Internet: a marca Mary Jane. Dissertação de Mestrado, 2009, 110 p. Dissertação. (Mestrado em Comunicação e Linguagens), Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba. Programa de Pós-graduação em Comunicação e Linguagens.
- NELSON, Theodore. A File Structure for the Complex, the Changing, and the Indeterminate. *Association for Computing Machinery: Proc. 20th National Conference* 1965, 84-100. Reproduzido em MONTFORT, Nick e WARDRUP-FRUIIN, Noah (orgs.) *The New Media Reader*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, p. 134-146, 2003a.
- NELSON, Theodore. No More Teachers' Dirty Looks. *Computer Decisions* 9, 8 (Sep. 1970) 16-23. Reproduzido em MONTFORT, Nick e WARDRUP-FRUIIN, Noah (orgs.) *The New Media Reader*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, p. 308-311, 2003b.
- NEUENDORF, Kimberly. *The content analysis guidebook*. London: Sage, 2002.
- MORENO, J. *Who shall survive?* New York: Beacon House Beacon, 1978.
- NEWMAN, M.E.J., BARABASI, A.L. e WATTS, D. *The Structure and Dynamics of Networks*. (eds). New Jersey: Princeton University Press, 2006.
- NICOLIS, G. e PRIGOGINE, I. *Exploring Complexity. An Introduction*. New York: W. H. Freeman and Company, 1989.

- ORGADI, Shani. How can researchers make sense of the issues involved in collecting and interpreting online and offline data? MARKHAM, Annette N., BAYM, Nancy. Internet inquiry. Conversations about method. Los Angeles: Sage, pp. 33-53, 2009.
- PADGET, Deborah. *Qualitative Methods in Social Work Research*. London: Sage, 2008.
- PARK, Han W., THELWALL, Mike. The network approach to web hyperlink research and its utility for science communication. pp.171-181. In: HINE, Christine (ed.). *Virtual Methods*. Oxford: Berg, 2005.
- PARK, Han Woo. Hyperlink Network Analysis: A New Method for the Study of Social Structure on the web. *Connections* v. 25, n.1, p. 49-61, 2003.
- PARK, Wang Hoo e THELWALL, Michael. Hyperlink Analyses of the world wide web: A Review Journal of Computer Mediated Communication, v. 8, n. 4. Julho de 2003. Disponível online em <http://jcmc.indiana.edu/vol8/issue4/park.html> [05/07/2010].
- PATTON, Michael Q. *Qualitative Research & Evaluation Methods*. 3ª ed. London: Sage, 2002.
- PIDGEON, N. *Grounded Theory: theoretical background*. Chapter 6. In: RICHARDSON, J. Handbook of Qualitative Research Methods. Oxford: BPS Blackwell, 1996.
- POSTILL, John. *Internet ethnography - notes for a presentation*. Blog Media/ Anthropology. Disponível em: <http://johnpostill.wordpress.com/2010/06/06/internet-ethnography-notes-for-a-presentation/>, publicado em 06/06/2010. Acesso em 20/06/2010.
- PRIMO, Alex. *Quão interativo é o hipertexto? Da interface potencial à escrita coletiva*. Fronteiras: Estudos Midiáticos, v. 5, n. 2, p. 125-142, 2003.
- PRIMO, A. *Interação Mútua e Interação Reativa: Uma proposta de Estudo*. Trabalho apresentado no XXI Congresso da Intercom em setembro de 1998. Recife, PE. Disponível em <<http://usr.psic.ufrgs.br/~aprimo/pb/intera.htm>>. Acesso em 06 jan 2005.
- PRIMO, A. *Conflito e cooperação em interações mediadas por Computador*. Trabalho apresentado no GT de Tecnologias Informacionais da Comunicação e Sociedade da XIII Compós. Niterói, RJ, 2005.
- PUTNAM, R. D. *Bowling Alone: The collapse and Revival of American Community*. New York: Simon e Schuster, 2000.
- QUAN-HAASE, A. e WELLMAN, B. *How does the Internet Affect Social Capital*. In: HUYSMAN, Marteen e WULF, Volker (org.) IT and Social Capital. Novembro de 2002.
- REBS, Rebeca R. O lugar no espaço virtual: um estudo etnográfico sobre as recriações de territórios do mundo concreto do Second Life. Dissertação de Mestrado. 2010. 263f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo. Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação.
- RECUERO, Raquel. *Comunidades Virtuais em Redes Sociais na Internet: Uma proposta de estudo*. Anais do Seminário Internacional da PUC/RS, em novembro de 2005, Porto Alegre/RS, 2005. Disponível em: <http://pontomidia.com.br/raquel/seminario2005.pdf>. Acesso em 05/06/2009.
- RECUERO, Raquel. *Redes sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- RECUERO, Raquel. *Teoria das Redes e Redes Sociais na Internet: Considerações sobre o Orkut, os Weblogs e os Fotologs*. In: XXVII Intercom, 2004, Porto Alegre. *Anais do XXVII Intercom*, 2004.
- RECUERO, Raquel. *Dinâmicas de Redes Sociais no Orkut e Capital Social*. In: VIII ALAIC, 2006, São Leopoldo. Gt de Internet Comunicação e Sociabilidade, 2006.
- REGISTRO.BR. Domínios Registrados por DPN - 21/06/2005 07:00:01, 2005. Online em <http://registro.br> [21/06/2005].
- RHEINGOLD, Howard. *The virtual community: surfing the Internet*. Cambridge: MIT Press, 1993.
- RHEINGOLD, H. *A comunidade virtual*. Lisboa: Gradiva, 1ª.ed., 1997.
- RHEINGOLD, Howard. *The Virtual community: homesteading at the electronic frontier*, 1993. Disponível em <<http://www.rheingold.com/vc/book/>>. Acesso em: 12 jan. 2008.
- RITCHIE, Jane; SPENCER, Liz e O'CONNOR, William. Carrying out

Qualitative Analysis. In: RITCHIE, Jane e LEWIS, Jane (orgs.) *Qualitative Research Practice: a guide for social science students and researchers*. London: Sage, 2003.

ROCHA, Paula J. Jornalismo em tempos de cibercultura: um estudo do ClicRBS. Tese de Doutorado. 2006. (Doutorado em Comunicação Social), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Programa de Pós-graduação em Comunicação Social. Disponível em: <[http://tede.pucrs.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=451](http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=451)>. Acesso em 28 Mar 2008.

RODRIGUEZ OSUNA, Jacinto. *La muestra: teoría y aplicación*. In: GARCÍA FERRANDO, Manuel, IBÁÑEZ, Jesús e ALVIRA, Francisco (orgs). *El análisis de la realidad social. Métodos y técnicas de investigación*. Madrid: Alianza, 1989.

ROGERS, E. M. *Diffusion of Innovations*. Free Press: NY, 5ª. ed. [1962], 2003.

ROUSSEAU, Ronald. Sitations: an exploratory study. *Cybermetrics*, International Journal of Scientometrics, Informetrics and Bibliometrics. V. 1, n.1. 1997. Online em <http://www.cindoc.csic.es/cybermetrics/articles/vii1p1.html> [17/01/2009].

RUBY, Jay. ¿Son los medios interactivos una alternativa a los filmes etnográficos? In: Enl@ce: Revista Venezolana de Información, Tecnología y Conocimiento, 6 (3), pp. 81-93, dez. 2009. Disponível em: <<http://revistas.luz.edu.ve/index.php/enlace/article/viewFile/3257/3143>>. Acesso em: 15/02/2010.

RÜDIGER, Francisco. Introdução às teorias da cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2ª. ed., 2007.

RÜDIGER, Francisco. Love on-line: paixão e poder no mundo da cibercultura. Revista Galáxia, v8, N.16. São Paulo, 2008. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/1918/1183>. Acesso em 05/11/2009.

RYAN, Jenny. The virtual campfire: an ethnography of online social networking. Dissertação de Mestrado. 2008. 235f. Dissertação (Antropologia), Wesleyan University, Middletown, Connecticut, EUA, 2008. Master of Arts in anthropology. Disponível em: <<http://www.thevirtualcampfire.org/virtualcampfire.htm>>. Acesso em 05/01/2010.

RYAN, Marie-Laure Narrative as Virtual Reality. Johns Hopkins Univ. Pr., 2001.

SÁ, Simone P. O Samba em rede – comunidades virtuais, dinâmicas identitárias e carnaval carioca. RJ: E-papers, 2005.

SÁ, Simone. Netografias nas redes digitais. In: PRADO, J.L. *Crítica das práticas midiáticas*. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

SCHNEIDER, Steven M., FOOT, Kirsten. Web sphere analysis: an approach to studying online action. In: HINE, Christine (ed.). *Virtual Methods*. Oxford: Berg, pp. 157-170, 2005.

SCOTT, J. *Social Network Analysis. A Handbook*. 2ª ed. London, UK: Sage Publications, 2000

SHAH, N. *Playblog, Performance and Cyberspace*. Cut-Up Magazine, India, 2005. Disponível em <http://www.cut-up.com/news/detail.php?sid=413>. Acesso em 02/08/2007.

SILVEIRA, Fabrício. Experiências etnográficas no campo da comunicação. *UNIrevista*, Vol. 1, n° 1: 23-31. Janeiro, 2006. Disponível em [www.unirevista.unisinos.br/\\_pdf/ART%2004%20FSilveira.pdf](http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/ART%2004%20FSilveira.pdf). Acesso em 05/07/2009.

SILVER, D. *Internet/cyberculture/digital culture/new media/fill-in-the-blank studies*. New Media & Society; London, Vol. 6 Issue 1, p. 55-64, Feb 2004.

SLACK, J. D., WISE, J. M. *Cultural studies and communication technology*. pp. 141-162. In: LIEVROUW, Leah, LIVINGSTONE, Sonia (ed.). *The handbook on new media*. London: Sage, 2002.

SMITH, A.G. web links as analogues of citations. *Information Research*, v. 9, n. 4, paper 188, 2004. Online em <http://InformationR.net/ir/9-4/paper188.html> [17/01/2009].

STERNE, J. *Digital Media and Disciplinarity. The Information Society*, London, 21: 249-256, 2005.

STERNE, J. *Thinking the Internet: Cultural Studies versus the Millennium*. pp. 257-283. In: JONES, Steve (ed). *Doing Internet Research. Critical Issues and Methods for Examining the Net*. London: Sage, 1999.

STONE, Alucquere R. Will the real body please stand up? Boundaries stories about virtual cultures. In: BENEDIKT, M. (ed). *Cyberspace: First Steps*. Cambridge: MIT Press, 1991.

- STONE, A.R. *The war of desire and technology at the close of the mechanical Age*. NY: Aperture, 1995.
- STRANGELOVE, Michael. Virtual video ethnography: Towards a new field of Internet cultural studies, *Revista Interin*, 3., junho de 2007. Disponível em: <[http://www.utp.br/interin/artigos/art\\_livre\\_01\\_strangelove.pdf](http://www.utp.br/interin/artigos/art_livre_01_strangelove.pdf)>. Acesso em: 20/06/2007.
- STRAUSS, A. e CORBIN, J. (1990). *Basics of Grounded Theory Methods*. Beverly Hills, CA.: Sage.
- STRAUSS, A., e CORBIN, J. (1989). "Tracing Lines of Conditional Influence: Matrix and Paths." Paper delivered at the Annual meetings of the American Sociological Society, San Francisco, California, August 13.
- SUDWEEKS, Fay e SIMOFF, Simeon. *Complementary Explorative Data Analysis: the reconciliation of quantitative and qualitative principles*. In: JONES, Steve (org.) *Doing Internet Research*. London: Sage, p. 29-56, 1999.
- THELWALL, Michael. *Introduction to webometrics: Quantitative web Research for the Social Sciences*. Chapel Hill: Morgan e Claypool, 2009.
- THELWALL, Michael. *Interpreting social science link analysis research: A theoretical framework*. Journal of the American Society for Information Science and Technology, vol 57 n. 1, 2006, p. 60-68.
- THELWALL, Michael. *What is this link doing here? Beginning a fine-grained process of identifying reasons for academic hyperlink creation*. Information Research, v. 8, n.3, artigo 151, 2003. Online em <http://informationr.net/ir/8-3/paper151.html> [11/01/2009].
- THELWALL, Michael e VAUGHAN. *Liwen Search engine coverage bias: evidence and possible causes*. Information Processing & Management v. 40, n. 4, p. 693-707, 2004.
- THOMAS, Jim. *Reexamining the ethics of Internet research: facing the challenge of overzealous oversight*. In: JOHNS, Mark D.; CHEN, Shing-Ling S.; HALL, G. Online Social Research. Methods, issues & ethics. NY: Peter Lang, pp.187-202, 2004.
- TINDALL, D. e WELLMAN, B. *Canada as Social Structure: Social Network Analysis and Canadian Sociology*. *Canadian Journal of Sociology*, n. 26, vol 3, p.265-308, 2001.
- TOMASINI, Ana Cláudia Valente. Globalização e Nacionalismo: um estudo de caso da comunidade virtual "Brasil" sobre a identidade brasileira no Orkut. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos, São Leopoldo, RS, 2006.
- TRIVERS, J. e MILGRAM, S. *An Experimental Study of the Small World Problem*. In: Sociometry, (pp. 425- 443).
- TURKLE, S. *Life on the screen: Identity in the age of the Internet*. New York: Touchstone, 1997.
- TURNER, F. *From counterculture to cyberculture. Stewart Brand, the Whole Earth Network and the rise of the digital utopianism*. Chicago: The University of Chicago Press, 2006.
- VALDETTARO, S. *Subjetividades y digitalización: bosquejo de un estado de la cuestión*. In: Anais do Coloquio Mediatización, Sociedad y Sentido. Dialogos entre Brasil y Argentina. Universidad Nacional de Rosario, pp. 18-35. ago 2010.
- VAN GELDER, Lindsay. *The Strange Case of the Electronic Lover*. In. KLING, Rob. Computerization and Controversy: value conflicts and social choices. 2 ed. San Diego: Academic Press, p. 533-546, 1996.
- VIANA, Lucina. Música na cibercultura: reconfiguração da estrutura do mercado a partir da desintermediação do funk brasileiro e sua produção em rede. Dissertação. Mestrado em Comunicação e Linguagens. Universidade Tuiuti do Paraná, 2009.
- VITULLO, Nadia A. V. Links hipertextuais na comunicação científica: análise webométrica dos sítios acadêmicos latino-americanos em Ciências Sociais. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007. Online em <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/11175/000607804.pdf?sequence=1>.
- WALLERSTEIN, Immanuel. *The Modern World-System: Capitalist Agriculture and the Origins of the European World-Economy in the Sixteenth Century*. New York: Academic Press, 1974.
- WALLERSTEIN, Immanuel. *World-Systems Analysis. An Introduction*. Durham: Duke University Press, 2004.

- WARD, Mary-Helen. Thoughts on blogging as an ethnographic tool. In: Annual ascilite conference: Who's learning? Whose technology?, 23, Sydney, 2006. Anais. Sydney, The University of Sydney, p. 843-851. Disponível em: <[http://www.ascilite.org.au/conferences/sydney06/proceeding/pdf\\_papers/p164.pdf](http://www.ascilite.org.au/conferences/sydney06/proceeding/pdf_papers/p164.pdf)>. Acessado em: 18/01/2008.
- WASSERMAN, S. e FAUST, K. *Social Network Analysis. Methods and Applications*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1994.
- WATTS, D. J. *Six Degrees. The Science of a Connected Age*. New York: W. W. Norton & Company, 2003.
- WATTS, D. J. *Small Worlds. The dynamics of Networks between Order and Randomness*. New Jersey: Princeton University Press, 1999.
- WATZLAWICK, P.; BEAVIN, J. H.; JACKSON, D. D. *Pragmática da Comunicação Humana*. 11ª ed. São Paulo: Cultrix, 2000.
- WEINREICH, Harald; OBENDORF, Hartmut e LAMERSDORF, Winfried. The Look of the Link - Concepts for the User Interface of Extended Hyperlinks Proceedings of the 12th ACM Conference on Hypertext and Hypermedia. Dinamarca, 2001. Online em <http://www.obendorf.de/studium/projekte/lookoflink-ht01.pdf> [09/06/2009].
- WELLMAN, Barry. *The three ages of internet studies: ten, five and zero years ago*. New Media & Society. London, Vol. 6 Issue 1, p. 123-129, 2004.
- WILLIAMS, Mathew.; ROBSON, Kate. Reengineering focus group methodology for the online environment. In: JOHNS, Mark D., CHEN, Shing-Ling S.; HALL, G. Online Social Research. Methods, issues & ethics. NY: Peter Lang, pp.25-45, 2004.
- WILLIAMS, R. *Television and social form*. Londres: Fontana, 1974.
- WINKIN, Yves. A nova comunicação. Da teoria ao trabalho de campo. Campinas: Papius, 1998.
- WITMER, Diane F.; COLMAN, Robert W.; KATZMAN, Sandra L. From paper-and-pencil to screen-and-keyboard. Toward a methodology for survey research on the Internet. pp.145-161. In: JONES, Steve (ed). Doing Internet Research. Critical Issues and Methods for Examining the Net. London: Sage, 1999.
- WOLTON, D. *Internet e depois?* Porto Alegre: Sulina, 2004.
- WU, F.; HUBERMAN, B. *Finding communities in linear time: a physics approach*. Eur. Phys. J. B, n. 38, p. 331-338, 2004.